Ano VII — Lisboa, Março de 1951 — N.º 71

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

SE O FORTE AUXILIAR O FRACO...

Amarás ao Senhor, teu Deus,
...e ao próximo como a ti mesmo.
JESUS CRISTO



O acto de saudação do escoteiro—os três dedos centrais da mão direita estendidos, enquanto a falangeta do polegar se sobrepõe à falangeta do dedo mínimo — é bem conhecido e frequentemente repetido, por graça, quando um não-escoteiro cumprimenta um seu amigo escoteiro. O que na generalidade se ignora é o profundo significado desse gesto, que lembra um dos princípios mais belos do Escotismo.

Os três dedos estendidos simbolizam os três artigos do Compromisso de Honra, e o polegar,—o mais forte dedo da mão, sobretudo o mais ágil, aquele que tem a facilidade, não concedida a mais nenhum, de se deslocar frente a todos os outros—, esse dedo privilegiado, abraçando o mínimo, o mais débil dedo da mão, sugere ao escoteiro o dever do forte proteger o fraco. A figura poderá parecer infantil, mas é mesmo necessário que assim seja, porque a crianças se destina, e pretende-se inspirá-las usando imagens acessíveis.

A saudação do escoteiro é, portanto, uma afirmação; ratifica o compromisso voluntàriamente assumido de «auxiliar o próximo em todas as circunstâncias». No Escotismo, tudo é voluntário e livre. Não se fazem inibições. Prefere-se a afirmação à negação. Os defeitos são combatidos cultivando as virtudes opostas. Por isso a Lei declara: o escoteiro é verdadeiro, é leal, é obediente, é puro. Vivemos numa época em que o egoísmo campeia. O homem deixa-se arrastar pelos seus instintos, e, em vez do Espírito governar a Matéria, é esta que impera; os apetites e impulsos orientam a sua acção. Na vida animal, o forte domina e sustenta-se do mais fraco. É a lei da força. Na sociedade, desde que o homem deu livre curso aos instintos, sucede outro tanto, tornando-se o débil, o desprotegido, presa fácil das ambições dos poderosos, residindo aqui a origem de todos os males que afligem a humanidade e inquietam os povos.

Baden-Powell, referindo-se ao mal-estar causado pelas lutas de classe e barreiras entre o capital e o trabalho, afirmou: «A educação—sobretudo a do carácter—aparece como chave do problema». O Escotismo, movimento completamente alheio a questões políticas, tem, apesar disso, e talvez por isso mesmo, fórmulas que podem trazer a solução às mais graves crises que afligem as nações. Se analisarmos os problemas, se estudarmos os perigos da hora presente, verificaremos que a sua origem está no egoísmo humano, o forte esmagando o fraco, explorando-o, procurando arrancar dele o maior proveito possível. Para combater esta tendência injusta, o Escotismo procura cultivar na mocidade a virtude oposta: a Generosidade. Se o forte auxiliar o fraco, se este lema constituir Lei Moral para todos os homens, deixarão de subsistir os motivos de perturbação que sobressaltam os povos e veremos desaparecer o espectro medonho da guerra. Não mais as nações fortes espezinharão os direitos das mais fracas e a situação mudará de aspecto, procurando aquelas facilitar a vida destas. O trabalhador sentir-se-á compensado do seu esforço e terá a protecção da classe patronal; a produção terá naquele um agente activo e interessado no seu amplo desenvolvimento. Veremos surgir um maior interesse pela criança, respeito pela mulher, carinho pelos velhos.

(Conclui na 2.ª página)

Primavera

Já se ouvem vozes quase de protesto contra a inclemência do inverno deste ano. Costumados à brandura dos elementos, os Portugueses já não podem esconder a sua impaciência quando os chuviscos se tornam impertinentes; lentamente começa a nascer neles a nostalgia da primavera, dos seus dias puríssimos, das flores, das andorinhas.

A primavera é como que uma promessa de vida que, ano após ano, se reafirma aos corações dos desanimados, àqueles a quem a faina do dia-a-dia esgota e cansa. Realmente como é desconsolador olhar os campos descalvados e lamacentos e sentir o vento agreste desfolhar as árvores e encrespar os mares!

Contudo, animem-se os saudosos da primavera: Não tardam os dias luminosos! De quando em vez já podemos ver o Sol a espreitar-nos por uma frincha de nuvens buliçosas e, dentro em pouco, virá nova vida à floresta. Miríades de borboletas pousarão nas florinhas dos campos, os pássaros trinarão em alegres debandadas e, à noite, pelos vales, ouvir-se-á o coaxar intermitente das rãs. Será então a vez de erguermos o nosso cântico e dizermos, como o Poeta:

"Abriu-se o tabernáculo
Da terra florescente;
Tudo sorri fulgente,
Tudo respira amor;
Ressoem nele os cânticos
De mística harmonia,
Dizendo noite e dia:
—Hosana ao Criador!"

Vanitas, Vanitatum ...

«Subsistir», eis uma palavra de ordem que a Natureza impõe aos animais. Desde as espécies mais ínfimas se observa este desejo ingente de conservar a vida, preservando-se. Porém, cedo ou tarde, esse anseio é contrariado e o aniquilamento sobrevém, inexorável. Verdade

(Conclui na 2.ª página)

A Voz do Chefe

EDUCAÇÃO



O segredo para conseguir ter êxito em educação não é tanto de *ensinar* como o de pôr o educando em situação de *aprender* por ele próprio. Para que os conhecimentos penetrem o espírito do rapaz, deve-se procurar interessá-lo neles. É necessário atraí-lo com uma *isca* suculenta e não com uma borracha seca e dura.

O nosso sistema de instrução consiste em levar os jovens a submeterem-se a provas diversas, testemunho de conhecimentos práticos e profissionais, que lhes possam ser úteis nas suas carreiras do futuro. Temos insígnias de electricista, de mecânico, de feitor, de jardineiro, de músico, de carpinteiro, etc., sem falar das insígnias pròpriamente ditas de escoteiros de primeira e de segunda classe, que dão a conhecer que os rapazes sabem nadar, cozinhar, dirigir um barco, orientar-se numa floresta, etc., e que deram provas de virilidade e destreza. Encorajamos o jovem a sentir-se pessoalmente responsável pelo seu desenvolvimento físico e pela sua saúde; depositamos confiança na sua honra e consideramo-lo capaz de prestar um serviço a outrem diàriamente.

A nossa educação não é militar. O exercício de formaturas, que tantas associações de juventude têm adoptado, está reduzido entre nós à sua mais simples expressão, porque a prática intensiva destes exercícios tende a destruir a individualidade e um dos nossos objectivos principais é de desenvolver a personalidade.

Sob o ponto de vista religioso, somos «interconfessionais», não arrogamos das prerrogativas de pais ou de eclesiásticos, dando nós próprios uma instrução, mas insistimos por que o rapaz observe e pratique a forma de religião que professa, qualquer que seja ela, e o dever que lhe impomos acima de todas as práticas cotidianas de se mostrar cavalheiresco e de ir em auxílio do semelhante.

O facto de os membros das Igrejas livres e da Sociedade dos Amigos (quáqueres) reconhecerem que o Escotismo não tem um fim militar, é para nós um grande encorajamento.

Não temos cor política e não temos em nenhuma conta as classes sociais.

BADEN-POWELL

SE O FORTE AUXILIAR O FRACO...

(Conclusão da 1.ª página)

Se o forte proteger o fraco, uma nova sociedade nascerá baseada no espírito de cooperação mútua e de boa vontade. E, se é difícil conseguir que todos os homens abracem este princípio, é, porém, possível, e devemos esforçar-nos nesse sentido, que o número daqueles que o perfilham aumente constantemente, modificando o aspecto do mundo e facilitando a vida e o progresso dos povos.

Pelas fileiras do Escotismo passaram, nestes quarenta anos de existência do Movimento, muitos milhares, milhões mesmo, de rapazes que hoje são homens e estão colocados nos mais diferentes sectores de actividade. São milhões de indivíduos que estenderam os seus dedos e colocaram o polegar sobre o dedo mínimo, afirmando o seu voto de auxiliar o mais fraco. Se na sua esfera de acção, no governo das nações, nas universidades, nas escolas, na direcção das grandes empresas, na fábrica, na oficina, no escritório, nos serviços públicos, onde exercerem actividade, tiverem sempre presente que «o forte protege o fraco», o mundo terá dado um grande passo para o bem-estar da humanidade.

Julga-se hoje em dia, deboamente, que o espectáculo do mal é um remédio soberano. Abri um romance, ide ao teatro, percorrei o folhetim de um periódico, e tropeçareis quase sempre num crime ou vos pormenorizarão todas as vergonhas do coração humano. Julga-se acaso que se fica melhor depois duma semelhante leitura ou dum semelhante espectáculo? Quando vemos no homem um ser mau, podemos ainda estimá-lo? Podemos porventura amar os nossos semelhantes, fazer alguma coisa em seu favor? Podemos amar a Pátria, composta também ela de pessoas desprezíveis? Que será da família? Que será do respeito dos antepassados? Com que direito nos pedirão um pouco de abnegação, um pouco de afecto?

Georges Mallet

Escoteiros da Rodésia na Beira

De comboio chegou à Beira em 17 de Dezembro último um Grupo de Escoteiros da Rodésia, dirigido pelos Chefes J. R. Patterson, A. J. Turner e A. Johnson, que eram aguardados por elementos da Mocidade Portuguesa, representantes da imprensa e outras entidades.

Após os cumprimentos, os escoteiros dirigiram-se à Praia Nova onde instalaram o seu acampamento, e procederam ao içar das bandeiras nacionais portuguesa e britânica, respectivamente por um escoteiro e por um filiado da M. P., sendo-lhes servido um pequeno almoço preparado pela Mocidade Portuguesa.

Os visitantes, em número de 24, cumprimentaram as autoridades locais e efectuaram diversas excursões em automóveis postos à sua disposição por entidades particulares, especialmente pela Companhia Shell e Hotel Vitória.

No dia 21 fizeram uma viagem ao Buzi numa embarcação da Capitania do Porto. No meio do rio Buzi o barco encalhou e permaneceu aí algumas horas. Durante este tempo os escoteiros divertiram-se bastante com a aparição de alguns crocodilos e hipopótamos que surgiram perto do barco. Desencalhado este, seguiram para Vila Guilherme Arriaga, onde igualmente lhes foi dispensado um acolhimento amigo. Ao fim da tarde regressaram à Beira e no dia 24 partiram para a Rodésia, tendo expressado a sua gratidão pelo carinho com que foram recebidos e a sua alegria pela excelente viagem que tinham feito.

Os visitantes retiraram-se satisfeitos com o acolhimento gentil que lhe foi dispensado pela M. P., pelas autoridades e pelo público. Lamentável é que na Beira não haja um grupo de escoteiros que se pudesse associar à recepção dos nossos camaradas britânicos.

Estamos certos que as dificuldades que existem para o Escotismo nas províncias ultramarinas deixarão de subsistir no dia em que as associações portuguesas se dirigirem ao Sr. Ministro das Colónias, pois a simpatia e carinho que o Governo Português dispensa ao nosso movimento garantem o esclarecimento de uma situação que se não justifica em face da posição legal do Escotismo no Continente.

Vanitas, Vanitatum ...

(Conclusão da 1.ª página)

crua, que os séculos vêm confirmando, mas que os homens procuram esquecer. Já o nosso grande Camões dizia: **«Nunca vi coisa mais para lembrar e menos lembrada que a morte»**. *Há homens cujas acções confirmam este axioma.*

Recorda-nos agora essa cena emotiva de Hamlet, segurando o crânio descarnado de Yorik, o bobo do rei, e comentando: **«Que é feito neste momento dos trocadilhos, das cabriolas, das canções, desses relâmpagos de gracejos que levantavam em toda a mesa tempestades de gargalhadas? Nem uma só facécia ficou para vos rirdes da vossa própria carantonha! Ide dizer à rainha que, por mais cosméticos que ponha no rosto, há-de ficar com uma cara assim!»**

A vaidade e a avareza campeiam, apesar de tudo. Que pensarão os prevaricadores? Ignorarão que cedo virá o momento em que os seus vícios se tornarão efémeros ou estarão votados a descrer de todas as verdades irrefutáveis?

Noções Gerais de Anatomia

(Continuação do número 69)

III
MÚSCULOS

Os **músculos** são os instrumentos activos do aparelho locomotor. Formam o que se chama a carne e têm a propriedade de se alongar ou encurtar (contracção). Com o auxílio dos músculos, combinados com os ossos, pode o homem exercer a sua acção sobre os corpos que o cercam, imprimir-lhes movimentos, deslocar-se de um ponto para o outro e exprimir as suas ideias—pela voz, por sinais, gestos ou movimentos parciais da face.

Há no organismo humano duas espécies de músculos:

1.º **Estriados** ou de **fibras estriadas**, que funcionam por ordem do cérebro, movem o esqueleto e estão sob a dependência da vontade (**voluntários**).

2.º **Lisos** ou de **fibras lisas**, anexos aos órgãos e aparelhos de nutrição de contracção independente da vontade (**involuntários**).

As fibras lisas encontram-se em todo o organismo (parede dos vasos, dos brônquios, do estômago, etc.).

Os músculos estriados são formados pelos agrupamentos de feixes de fibras unidas por travéculas de tecido conjuntivo. Cada **feixe** é formado por várias **fibras** ou **células musculares**. Visto ao microscópio, o músculo aparece como um novelo de fio duma infinidade de filamentos.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

União dos Escoteiros do Brasil

CONSELHO NACIONAL

Em 18 de Dezembro último, reuniu extraordinàriamente o Conselho Nacional da U. E. B., tendo eleito para seu Presidente o Almirante Benjamim Sodré, ilustre e antigo Chefe Escoteiro, autor do «Guia do Escoteiro», a quem foi concedido há anos o merecido título de Escoteiro-Chefe Honorário dos Escoteiros de Portugal.

O Conselho procedeu à eleição para os cargos vagos na Directoria Nacional, em virtude do Chefe David de Barros ter pedido a sua demissão de Secretário da Publicidade e do Chefe Major Léo Borges Fortes ter igualmente pedido a demissão de Comissário Internacional. Para ocuparem estes cargos foram eleitos, respectivamente, os Chefes Eurípedes da Rosa e Mauro Villefou Galliez.

Escotismo é um alegre jogo ao ar livre onde fiomens de espírito jovial e jovens aventuram-se juntos como irmãos, velfios e novos, em busca de saúde, felicidade, fiabilidade e iniciativa.

B.-P.

O TESTEMUNHO DE UM ANTIGO ESCOTEIRO

O NOSSO LABOR

"Tudo na infância seja casto e puro, ao menos para que a graciosidade dos costumes que recebem desta iniciação infantil, seja por assim dizer, o primeiro esboço".

Juan Luis Vives

Olhamos para trás e contemplamos quanto de bom se fez na formação de uma juventude que, acarinhada pelo nosso Movimento, passou no Escotismo a época mais perigosa da sua pouca idade, propícia então a que, reunidos com más companhias, fosse crescendo num ambiente de irresponsabilidade que os fizesse acercar-se mais e mais do conhecimento do vício, hoje desgraçadamente tão arreigado nos jovens, difícil de eliminar porque em seu tempo não se lhe aplicou o remédio necessário.

Não são só as nossas palavras, mas também os factos, que demonstram os resultados conseguidos, e isto, por si só, é suficiente para fazer calar os motejos dos que, por nos desconhecerem, buscam na mofa o consolo para a sua ignorância. Aí estão os nossos grupos, exemplos de disciplina; os nossos acampamentos, modelos de moralidade e, por toda a parte, os nossos rapazes preparados para um dia, não longínquo, serem homens úteis e, continuando nas fileiras escotistas, darem a conhecer os ensinamentos aprendidos, com o mesmo tacto delicado com que lhes foram dados a conhecer a eles.

A nossa disciplina não é baseada no temor, mas sim no respeito. Os resultados observam-se em todas as nossas atitudes, porque ela manifesta-se nos jogos e passatempos, onde cada um encontra uma distracção sem prejuízo de um outro que igualmente goza de uma ordem criada por eles próprios, embora inculcada pelos seus chefes. Esforçam-se, como escoteiros, por se tornarem melhores dia a dia e, por meio da B. A., aplicam os seus princípios. Como pessoas humanitárias, sabem ser respeitosos no trato com os desvalidos e corteses com os seus companheiros. E estas qualidades, tão apreciadas num jovem, não chegaram a eles espontâneamente, mas graças ao que lhes ensinaram, nesta organização, homens capacitados para um labor admirável como é o escotismo, que sabe fazer disciplinados os que isso desconheciam quando nele ingressaram.

Quantos pais lamentam que seus filhos, já maiores, não tenham pertencido às nossas fileiras. Olvidaram a preciosa vigilância paterna, permitiram a seus filhos a leitura de novelas, que tanto dano produzem na mocidade, e a assistência a espectáculos indecorosos, pois que, no antro da preversidade buscaram amigos entre aqueles criados à sua imagem e semelhança. O fim de tudo isto não necessita de comentários; a imprensa diária encarrega-se da nos dar a conhecer, com demasiada frequência, nas suas notícias de acontecimentos, as andanças perigosas destes jovens que se criaram em libertinagem, com o conhecimento de pais culpados desse mal.

E bem triste é que alguns deles talvez comentem com ironia, em presença de seus filhos, a passagem das formaturas dos nossos escoteiros, se riam deles e trocem dos seus uniformes, dizendo alguma chalaça das que eles gostam de proferir. Não nos alegremos de que, em sua própria carne, sofram as consequências da sua fraqueza; lastimemo-los, pois que em tempos passados teríamos desejado tê-los connosco, para depois, já homens feitos, havermos dito: — *Aí os tendes! Destes-nos crianças e nós devolvemos fiomens que sabem fiontar a seus pais!*

Ainda não é tarde, o nosso labor continua. Passai a viver entre nós as nossas realidades e, dentro delas, apreciareis melhor como se forja uma juventude escotista que hoje e sempre é admirada em todo o Mundo.

JOAQUIN PEÑARROYA

Relatório das actividades do Grupo n.º 6 de Olhão

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o relatório das actividades durante 1950 do Grupo n.º 6 de Olhão. Acabámos de passar as suas páginas e verificámos, com satisfação, que o Seis marca nos Escoteiros de Portugal uma posição que se destaca por uma actividade intensa, variada e tècnicamente bem orientada.

A acção do Grupo 6 é um desmentido categórico aqueles que, para justificarem o trabalho medíocre das suas actividades, passam o tempo a reclamar facilidades, parques de campismo, casas-abrigo e outras coisas inúteis para fazer Escotismo.

O Escotismo é acção, é vida ao ar livre, usando o espírito de aventura, apelando à energia e faculdades do rapaz. Tudo isto encontramos nas actividades do Grupo 6. Por isso felicitamos os seus dirigentes e desejamos-lhes um novo ano de boas actividades.

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os escoteiros fumar?

Continuam a afluir à nossa Redacção depoimentos sobre este oportuno inquérito. Os partidários do fumo, porém, não aparecem. As opiniões contra o fumo são firmes.

Até agora os depoimentos são unânimemente contra o fumo. No entanto continuamos a encontrar escoteiros, mesmo fardados ou em serviço nas sedes, de cigarro na boca, não se importando de dar um mau exemplo aos escoteiros mais novos. Mas, terão eles razão na sua atitude? É isso que o «*Sempre Pronto*» quer esclarecer ouvindo as diferentes opiniões. Todos os depoimentos elaborados em termos correctos serão aqui publicados.

Já passei dos 50 anos e nunca fumei, graças a Deus, e creio que uma das razões melhores de até agora gozar de regular saúde é de nunca ter consumido essa maldita erva diabólica — afirma o Antigo-Escoteiro Sr. João Carreira Pich.

Referindo-se ao interessante inquérito do «S. P» «*Devem os escoteiros fumar?*» apenas uma resposta se deveria ouvir: «NÃO».

Quando, em tempos que já lá vão... 1913 a 1919, militei no Escotismo, era absolutamente proibido fumar e havia até, no Grupo de que fiz parte, o cuidado de não se aceitar os candidatos que fumassem. Depois não sei se assim continuou. O que é verdade é que se olhava com repulsa para qualquer escoteiro que, em descanso ou às escondidas, fosse encontrado a fumar. Infelizmente, hoje, é vulgar ver-se um escoteiro fumando, dando assim um péssimo exemplo. Mas haverá ainda dúvidas sobre a nocividade do vício de fumar?

Não resta dúvida de que o tabaco produz sempre intoxicação, tanto maior quanto mais se fuma. E não julgue aquele que, fumando pouco e usando mesmo boquilha e não engulindo o fumo, se liberta ainda assim de uma pequena intoxicação por óxido de carbono que, se fará sentir mais ou menos fortemente, conforme as circunstâncias individuais. Mas mesmo que assim não fosse? Fumar porquê e para quê? Queimar dinheiro, enquanto tanto e tanto necessitado não tem uns centavos para comprar pão?!

Já passei dos 50 anos e nunca fumei, graças a Deus, e creio que uma das razões melhores de até agora gozar de regular saúde é de nunca ter consumido essa maldita erva diabólica que tanto e tanto mal tem trazido para a humanidade.

Aos escoteiros, por isso, é de aconselhar uma das suas melhores acções, dando franco testemunho de se libertarem desse vício, com a coragem necessária para dizer «**não**», mas sim não para todo o sempre.

Todo o escoteiro que se preza não deve fumar — declara convicto António Carlos Santos Morgado, do Grupo 33, Leiria.

Aproveitando esta oportunidade que o «*Sempre Pronto*» me oferece para que, através das suas colunas, me dirija a todos os escoteiros, e antes que entre pròpriamente no assunto de que esta secção trata, desde já desejo a todos, bom escotismo pelo futuro de Portugal.

Todo o escoteiro que se preza não deve fumar, porque o tabaco está considerado actualmente, como um veneno, que não só intoxica, como arruína o organismo humano.

A ciência actual, acaba de verificar, que uma pessoa que fuma, nunca pode durar tanto, como uma que não fume.

Infelizmente, em Portugal, o vício do tabaco, não respeitou limites, e a cada passo que damos, verifica-se que a juventude é sem dúvida a mais atacada, por este vício, provocado pela nicotina.

Por isso, os escoteiros não devem fumar, e se há alguns que o fazem, não o devem fazer, principalmente durante os acampamentos, ou passeios ao campo. Todo o cuidado é pouco, e um pequeno descuido pode dar lugar a acidentes de graves consequências.

Portanto, escoteiros, se fumais, procurai deixar de vez esse vício, que, de momento a momento, sem dardes por ele, vos vai tirando a saúde que desfrutais; e se não fumais, aconselho-vos a não ganhardes este vício, que tão graves consequências traz a esta vida.

Perdoai-me, se em alguma coisa vos ofendo, mas o que é verdade, é que o fumo do tabaco, uma vez dentro do organismo humano, pode provocar doenças de certa gravidade.

ANTÓNIO CARLOS SANTOS MORGADO
Escoteiro do Grupo 33 — Leiria

Creia-me com a maior consideração

JOÃO CARREIRA PICH
Ex-Escoteiro subguia — Patrulha Cão do Grupo n.º 7

Se o escoteiro, simbòlicamente, encarna a figura lendária de S. Jorge em perpétua luta contra o dragão do «Mal», essa luta, creio eu, não se deve limitar ao mal que nos possa vir dos homens, mas sim também contra todos os vícios que nos podem assaltar — declara José Azinheira Rebelo, Escoteiro-Chefe dos Serviços Administrativos do Grupo n.º 6.

É digna de todos os elogios esta ideia do «S. P.» que vem pôr à discussão um problema que muitos escoteiros não gostam de encarar de frente.

Pela minha parte direi que o escoteiro não só não deve fumar, como deve procurar combater esse nefasto vício, prejudicial à economia pessoal e muito directamente à saúde.

Sobre este assunto posso deliberadamente dar a minha opinião, sem correr o risco de carregar com o velho adágio «faz o que eu digo e não faças o que eu faço», porque nunca os meus lábios sentiram o contacto de um cigarro e jamais o sentirão, se Deus me der para toda a vida a compreensão das «coisas» que hoje tenho.

A minha Razão recusa-se mesmo a compreender que o homem se deixe escravizar de tal maneira por um vício que, se não proporciona o espectáculo triste de um embriagado, não deixa contudo de ser tão nefasto como o alcool, dando ao mesmo tempo uma ideia pouco lisongeira da «vontade» humana.

Muito fracos são os homens... e as mulheres.

Frequentemente ouço pessoas do meu conhecimento, de dentes e dedos queimados pela nicotina, queixarem-se: «O tabaco sabe-me mal, irrita-me a garganta» — mas deixarem de fumar, isso não é com eles, não têm coragem...

Felizmente no nosso Grupo, onde os dirigentes dão o exemplo (e é com o exemplo que se educa em Escotismo) de não fumar, só raramente aparece um caso isolado de algum «escoteirinho» que, na roda dos «amigos», geralmente estranhos ao movimento, e para mais

(Conclui na 7.ª página)

O ESPÍRITO DO ESCOTISMO

Faz anos, quando a minha juventude me permitia viver com toda a sua intensidade o Grande Jogo Escotista, a minha Patrulha projectou uma magnífica excursão de verão; chegar até à Serra de S. João, visitar as nascentes dos rios Tejo, Júcar, Gabriel e Túria que brotam nessa montanha, no coração dos Montes Universais, o nó orográfico mais importante da Península Ibérica, e logo, seguir a pé o curso do rio Túria até à sua foz no Mediterrâneo, em Valência. Dois dias para chegar às nascentes e oito para percorrer o curso do Túria. Um duro projecto para ser realizado por rapazes de 17 anos, para o qual Deus sabe o que custou obter a aprovação dos Chefes. Porém, conseguiu-se; e, num dia de Agosto, quatro rapazes da Patrulha do Chacal iniciaram o que, para nós, era uma odisseia estupenda. Tudo se realizou tal como se havia projectado, ainda que houvesse de lutar firme para superar obstáculos imprevistos e resolver vários incidentes.

Ao terceiro dia de marcha pelas margens do rio, amanheceu enfermo um dos quatro expedicionários. Nada grave, porém tão-pouco coisa de brincadeira para quem tinha de marchar uns 35 quilómetros naquele dia, carregado com um equipamento de 16 quilos. Decidiu-se que o enfermo fizesse a viagem em autocarro, já que existia uma linha de passageiros entre a vila, em cuja margem estávamos acampados, e a cidade em que pernoitaríamos naquele dia. Porém o enfermo não aceitou a solução. Procurou-se leite, recorreu-se aos auxílios da ambulância, os seus companheiros aliviaram-no por completo do peso do seu equipamento e, lentamente, pelas abruptas e silvestres margens do rio, empreendeu-se a marcha. Um, rompeu a cantar. Outro contou arripiantes histórias e disse que éramos uns exploradores perdidos nos gelos polares — apesar do calor de Agosto — com um companheiro doente a quem não se podia abandonar a uma morte certa... Ao meio-dia detivemo-nos num bosquezito mais tempo do que o costume. Pescaram-se caranguejos e barbos e com eles se fez uma sopa que acabou por reanimar o doente. A marcha de tarde foi mais fácil e, com três horas de atraso sobre o horário previsto, entrávamos ao anoitecer em Teruel, o nosso ponto de destino naquela etapa.

Tratando-se de Escoteiros, nada de extraordinário podemos encontrar naquele facto. Porque, se no enfermo houve uma forte vontade de cumprir o seu dever, uma rija decisão de marchar vencendo o seu mau estado físico, nos companheiros existiu espírito de fraternidade e abgnegação suficiente para suster o seu companheiro, acrescentar o peso do equipamento do doente ao seu próprio já pesado equipamento, e afrontar a dificuldade com bom humor escotista.

Em suma: espírito de equipa, espírito de patrulha, Escotismo de verdade.

* * *

Na época em que eu, como Escudeiro, (1) passava as provas do noviciado de Sénior, o Grupo a que pertencia organizou um bonito e difícil concurso para as Patrulhas: tratava-se de uma «marcha escotista». Num percurso de uns 30 quilómetros nos quais, de acordo com as instruções que se davam em cada posto de *contrôle*, cada parelha havia de marchar seguindo uma pista, traçando um itinerário gráfico, seguindo as indicações de um plano, saltar certos obstáculos, realizar um tratamento de urgência, descrever um troço do caminho e outras coisas. Cinco postos de *contrôle* e três juízes volantes, tudo atendido por seniores, permitiram uma perfeita vigilância da prova, ao mesmo tempo que asseguravam o auxílio aos participantes em caso de acidente. Os rapazes empreenderam a marcha por parelhas e com cinco minutos de intervalo, a partir das 6 da madrugada, havendo passado a noite num acampamento. As equipas, para efeitos de pontuação, formavam três parelhas de cada Patrulha.

Eu actuei como Juiz volante de bicicleta. Havia outro ciclista e o terceiro juiz era um sénior motorista. Salvo o primeiro troço da marcha, que era impraticável para eles, os juízes volantes moveram-se durante todo o dia, acima e abaixo, por estradas, caminhos e atalhos, sem que tivessem necessidade de intervir mais de que no caso de uma parelha que se desviou da rota e esteve perdida quase uma hora. Houve um lesionado, porém tratou-se com a sua própria ambulância.

Caminhar 30 quilómetros depois de uma noite passada sobre o duro solo ao abrigo da tenda de campanha, transportando o equipamento normal de um escoteiro, não é coisa que possa realizar qualquer pessoa não acostumada; porém se, além disso, durante essa marcha há que se entreter em diversos trabalhos, saltar obstáculos, etc., podeis fazer uma ideia do grau de treino e moral que precisam os rapazes que participam numa prova desta classe.

Quando faltavam uns 8 quilómetros para chegar ao final, um escoteiro sentiu-se doente; indigestão causada por qualquer coisa que comeu, e teve náuseas e vómitos e alguma febre. Oferecemos-lhe auxílio e recusou-o. Aconselhámos-lhe a que se retirasse da prova e o motorista o levaria ràpidamente ao acampamento, mas não aceitou a sugestão. Se se retirasse, a sua Patrulha perderia os pontos que pudesse conseguir essa parelha, e para que não sucedesse tal coisa, o enfermo e o seu companheiro seguiram penosamente a sua marcha e chegaram ao acampamento dentro do tempo regulamentar e levando completos todos os seus trabalhos.

Magnífico, não é verdade? Magnífico, porém normal num escoteiro. A moral demonstrada por aquele rapaz é uma consequência natutal do seu bom espírito escotista. Qualquer escoteiro, digno de tal nome, podia ter feito o mesmo. E com tal simplicidade, que só a sua parelha e dois dos juízes volantes conheceram o nome daquele alegre escoteiro.

* * *

A lista dos exemplos poderia alargar-se indefinidamente. Todos conheceis as grandes acções realizadas pelos escoteiros ingleses durante os bombardeamentos alemães sobre a sua pátria, na recente guerra. Porém isto é o anverso da medalha escoteira, aquele pelo qual as gentes confiam cegamente, em qualquer parte do mundo, nos rapazes que vestem o nosso uniforme.

Porém, esta bela medalha tem também um reverso, um reverso feio, de traços indefinidos e, cada vez, felizmente mais apagados. Mas persistem nalguma parte.

Recentemente, numa Região Portuguesa, organizou-se um exercício escoteiro. O exercício não foi um êxito. Houve um Grupo que um bocado depois do mesmo se ter iniciado, solicitou autorização para se retirar, alegando que os rapazes estavam cansados; cansados por «terem estado a noite anterior dançando, em comemoração de um aniversário escotista». O baile é uma diversão social e, noutros aspectos, actividade artística; porém estou seguro que não é uma actividade escotista. E pouco têm de escoteiros aqueles que não se envergonham ao pedir autorização para «descansar do baile!»

A coisa seria cómica se não fos-

(1) Nome porque é designado em Espanha o primeiro escalão da divisão Sénior.

NOTÍCIAS DO «JAMBOREE»

Os escoteiros austríacos preparam com afinco o «Jamboree» que este ano se realizará no seu país

Pouco a pouco vai-se aproximando a data em que se celebrará mais uma dessas magníficas reuniões de escoteiros de todo o mundo. O escotismo austríaco, consciente das responsabilidades que sobre ele impendem, há muito que se lançou com afinco nos trabalhos preparatórios, no intuito de desempenhar da melhor maneira a missão que a si próprio impôs.

Mais algumas notícias nos chegaram, que permitem irmos fazendo as nossas previsões sobre o que será esse importante acontecimento.

Mensagem do Escoteiro-Chefe Austríaco aos seus escoteiros.

Os esforços dos escoteiros austríacos congregaram-se na preparação do «Jamboree», em que todos têm a sua quota-parte de trabalho. A iniciativa é muito complexa e, assim, é preciso que se unam para alcançar o objectivo previsto, isto é, a realização de um acampamento que honre a hospitalidade daquele país. O Escoteiro-Chefe Geral da Áustria dirigiu um apelo aos escoteiros em que os estimula a oferecer os seus serviços para a realização daquela grande tarefa. «O encontro por nós preparado nos maravilhosos arredores de Salzkammergut, — diz este dirigente na sua mensagem, — deve ser para cada rapaz uma aventura que estreite ainda mais a amizade entre as diversas nações e assim servir a causa da paz mundial. Desta gigantesca ideia, nasce, porém, uma grande responsabilidade também. Cada escoteiro-chefe deve ajudar a suportar essa responsabilidade. Ninguém deve ficar à parte nos meses que se seguem, ninguém se poderá cansar, antes pelo contrário, devemos mais que nunca fazer o nosso melhor para que nos grupos que nós chefiamos, ocupando o nosso posto, possamos de facto resolver tudo o que estiver ao nosso alcance e executá-lo integralmente. Para o ano de 1951, chefes escoteiros, o lema a seguir é este: O *melhor que pudermos para estarmos «sempre prontos» a servir o «Jamboree» de 1951*».

Como se pode verificar, os escoteiros da Áustria estão absolutamente compenetrados das responsabilidades que contraíram.

Os preparativos para o acampamento.

O local do acampamento, que é situado perto de Salzburgo, está a ser convenientemente preparado, construindo-se arruamentos, os edifícios necessários, a canalização de água, esgotos, etc.

Também a parte reacreativa está a ser cuidadosamente elaborada, prevendo-se as exibições das nações, os fogos de conselho em conjunto, e as cerimónias de abertura e encerramento.

Os serviços médicos-sanitários também merecem especial atenção dos organizadores, pois terão a seu cargo não só a saúde de todos os acampados como também a higiene do acampamento.

De importância vital, o serviço de mantimentos requer os maiores cuidados. Começaram-se já a elaborar as ementas, tendo de se estudar bem o problema da sua armazenagem e transporte, para que a sua distribuição esteja convenientemente assegurada, sem possibilidade de qualquer falta.

O serviço de transportes para o «Jamboree» contará com aviões, comboios, autocarros e outros veículos, tendo todos de cumprir rigorosamente os horários previstos, a fim de se evitarem atrasos prejudiciais. Este serviço também tem à sua responsabilidade a execução do programa de excursões.

E o serviço de alimentação? Será entre todos o mais delicado, pois é necessário que a alimentação seja boa e suficiente para que não haja reclamações, mas que também não seja excessiva, para evitar os desperdícios. O seu fornecimento e armazenagem está a cargo do serviço de transportes. Isto sugere uma pergunta: quantas camionetas serão precisas, de manhã e à noite, para darem conta deste serviço?

Por último falta falar do Secretariado do «Jamboree», que tem por missão conjugar todos estes serviços e assegurar uma colaboração perfeita entre todos eles. Temos de convir que a tarefa não é das mais fáceis...

Datas

A 13.ª Conferência Internacional de Escotismo realiza-se em Salzburgo de 31 de Julho a 2 de Agosto. No dia 3, (sexta-feira) é a cerimónia oficial de abertura do «Jamboree». No dia 13 (segunda-feira) o acampamento será encerrado.

A participação portuguesa no «Jamboree».

Consta-nos que tanto a A. E. P. como o C. N. E. pensam enviar as suas delegações à Áustria. Está calculado em 1.700 escudos o preço da viagem em 3.ª classe para grupos de escoteiros (mínimo de 10) que queiram participar no «Jamboree». O itinerário da ida será o seguinte: Lisboa-Madrid-Barcelona-Cerbere-Lião-Genebra-St. Margrethen-Salzburgo.

O custo da estadia no «Jamboree», como já anunciamos no último número, é de 300 xelins austríacos, que corresponde a cerca de 300 a 350 escudos, ao câmbio turístico.

---

se trágica. Não quero comentar o facto, porque se comenta por si. Como vedes, a bela medalha escoteira tem, algumas vezes, um feio reverso. Porém, sabei também que isso não é escotismo, ainda que possa ter sido feito por uns rapazes que vestem o nosso uniforme e se intitulam, pomposamente, Escoteiros de Portugal.

Suponho que eles lerão estas linhas e meditarão um pouco. O Escotismo é um movimento aberto a todos os que de boa vontade querem seguir os seus postulados; eles ainda estão a tempo de rectificar e entrar no bom caminho; senão, o melhor é que «lancem ao fogo o seu penacho de penas de águia» e se apartem de nós. O Escotismo e Portugal só lhes agradecerão.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

Comemorações do Aniversário do nascimento de Baden-Powell

No dia 22 de Fevereiro último, realizou-se na sede da A. E. P. uma sessão comemorativa do aniversário de B.-P.. Presidiu o Sr. Eng.º Nobre Santos, Secretário das Relações Internacionais, que representava o Chefe Geral, secretariado pelos Srs. Eduardo Ribeiro, Tesoureiro Geral, e Ernesto Clímaco do Nascimento, Chefe Regional do Centro, estando presentes muitos escoteiros e dirigentes, e antigos escoteiros.

O Sr. Amâncio Salgueiro Júnior, Chefe Geral Adjunto, indigitado para fazer uma palestra sobre B.-P., disse que não faria referência à biografia do Fundador por ser ela bem conhecida, e referiu-se ao valor do Escotismo como método educativo, procurando explicar a sua mística e afirmando a necessidade de um ritual para as suas diferentes cerimónias. Historiou os esforços que, para criar esse ritual, fez desde os primeiros anos do escotismo e anunciou a breve publicação do mesmo.

O Sr. Eng.º Nobre Santos felicitou o orador e fez um apelo aos escoteiros presentes para se dedicarem ao movimento. A reunião terminou, depois de terem sido guardados dois minutos de silêncio em memória de B.-P., com o Hino Nacional.

Uma conferência do Antigo-Escoteiro Sr. Luciano Silva, no Grupo 53

Na segunda-feira, dia 19 do corrente, às 21,30 horas, o Antigo-Escoteiro Sr. Luciano Silva, efectua na sala do Grupo 53, uma conferência subordinada ao tema «Leis Naturais-Leis de Deus».

Para esta conferência são convidados todos os escoteiros.

Região Centro

NOVOS DIRIGENTES

No passado dia 2 de Fevereiro, na sede da A. E. P., foi dada posse aos novos elementos que constituem a D. P. D. da Região Centro, Srs. Fernando Bahia dos Santos, António Bahia dos Santos, Francisco de Almeida e João Carlos, ratificando o Compromisso os dois primeiros, e prestando Compromisso os dois últimos.

Presidiu a esta sessão o Escoteiro-Chefe Geral Adjunto, António de Mira Calhau, que representava o Escoteiro-Chefe Geral, ladeado pelo Chefe do D. P. D. dos Serviços Centrais e pelo Chefe da Região Centro, Ernesto Clímaco do Nascimento, que fez o elogio dos empossados.

Estiveram presentes os Chefes ou delegados de todos os Grupos da R. C. seguindo-se depois uma breve reunião, na qual se trataram assuntos variados relativos à Região.

O Grupo n.º 1 vai festejar o seu 39.º aniversáro

Para comemorar o 39.º aniversário da sua fundação, que passa no dia 9 de Abril próximo, o Grupo n.º 1 vai promover diversas actividades. Ainda este mês devem realizar-se no Ginásio da Associação Cristã da Mocidade um torneio de pingue-pongue e outro de voleibol entre equipas representando diversos grupos de Lisboa.

No dia 8 de Abril, às 13 horas, no mesmo local, efectua-se um almoço de confraternização entre os antigos e os actuais escoteiros, tendo o Grupo n.º 1 enviado convites a todos os antigos escoteiros cujos endereços conhece, e esperando que os restantes se lhe dirijam para fazerem a sua inscrição.

No dia 9, às 21 horas, realiza-se a festa de aniversário que terá uma parte escotista e será apresentada a peça em um acto «Um sobrinho providencial», sendo no final servido um chá aos escoteiros, antigos escoteiros e suas famílias.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Devem os Escoteiros fumar?

(Conclusão da 4.ª página)

depressa parecer «homenzinho de categoria», não resiste ao mau gosto de fumar um cigarro.

Mas podem estar certos, os caros camaradas que me lêem, ele não faz isso por vício... É por distracção, para fazer umas habilidadezinhas, como deitar fumo pelos olhos, etc....

Coitados, todos começam assim: «Eu não fumo por vício»—mas passado pouco tempo, já não têm vontade própria para se libertar dessa «distracção».

Para os escoteiros, ainda me resta mais outro argumento: Se o escoteiro, simbòlicamente, encarna a figura lendária de S. Jorge em perpétua luta contra o dragão do «Mal», essa luta, creio eu, não se deve limitar ao mal que nos possa vir dos homens, mas sim também contra todos os vícios que nos podem assaltar.

E há que resistir-lhes, pois nunca o escoteiro se entregou inglòriamente sem combate.

JOSÉ AZINHEIRA REBELO
E. C. S. A. do Grupo n.º 6—Olhão



Grupo n.º 6 — Olhão

26.º Aniversário do Grupo

Como em anos anteriores, este Grupo comemorou, na data certa—17 de Janeiro—o seu aniversário, com um chá de confraternização. Em data a fixar, realizar-se-á a festa dedicada às famílias dos escoteiros, sócios auxiliares e simpatizantes.

Na mesa de honra, presidindo, esteve o Sr. Antero Nobre, membro dos corpos directivos da Fraternal dos Antigos Escoteiros e Presidente da Câmara Municipal de Olhão. Ladeavam-no o Chefe João Trigueiros, o secretário da Comissão de Patrocínio do Grupo, o Chefe, o Chefe-Adjunto e o Instrutor do seis.

Antes das camaradas da D. A. F. servirem o chá, usou da palavra o Chefe-Adjunto que demonstrou a importância do trabalho do Grupo n.º 6 que, em 26 anos de labuta constante, tem levado os benefícios da educação escotista a centenas de jovens olhanenses. Lançou depois as palavras de ordem para 1951 que são: «Perseverar no cumprimento da Promessa e da Lei do Escoteiro». Terminou lendo um extenso relatório das inúmeras actividades do Grupo durante o ano findo, as quais se elevam a 167 com um total de 5.476 presenças, isto não contando com o trabalho da Divisão Lobito, com as aulas semanais do Curso de Aperfeiçoamento Escotista nem com os Conselhos de Guias.

Em seguida, o Sr. Antero Nobre, num emocionante improviso, salientou o valor do Escotismo, valor que os próprios rapazes ali presentes não podiam calcular ainda, pela sua pouca idade, e exaltou o chamado «espírito escotista». Terminando, abraçou o Chefe Trigueiros como demonstração de quanto pode esse «espírito». Todos os presentes, bastante comovidos, aplaudiram longamente o gesto.

Serviu-se, então, o chá que terminou cerca da meia-noite. Os escoteiros, escoteiras, lobitos, aspirantes e 7 convidados presentes totalizavam 92 pessoas.

Bivaques de Patrulha

As 4 patrulhas juniores deste Grupo bivacaram, em 7 de Janeiro, na Mata dos Eucaliptos. Foram cumpridos os programas de actividades de cada patrulha, prèviamente aprovados em Conselho de Guias.

Em 14 do mesmo mês e no mesmo local, bivacou a Patrulha Águia.

Exercício de orientação

Pelas 8 horas da manhã de 21 de Janeiro, começaram a sair deste Grupo, de 20 em 20 minutos, as suas cinco patrulhas. Dirigiram-se para o Mato Joinal em cuja entrada, dissimulado, encontraram um pequeno cartão indicando a direcção N. N. O.

Havia que inscrever no verso as assinaturas das Patrulhas, provando que elas por ali tinham passado, e, depois, seguir naquela direcção.

Assim, foram percorrendo uma linha poligonal bastante irregular, em cujos vértices encontraram mais 9 cartões semelhantes ao primeiro, com direcções diferentes que foi preciso seguirem, rigorosamente, à bússola. O percurso aproximou-se bastante dos 5 km., por entre pinhal.

Era já meio-dia quando as patrulhas começaram a chegar ao términus. Nesse local, esperavam-nas a D. A. F. com o panelão do Grupo cheio de sopa de feijão com massa que foi devorada até às «raspinhas».

A Patrulha que fez todo o percurso sem qualquer falta foi a «Galo». Também a «Águia» o completou, mas com falta grave no segundo ponto de fiscalização. A «Tigre» e a «Andorinha» desistiram a meio do percurso, quando já eram horas do almoço. A «Egas Moniz», talvez por desvio da bússola, perdeu-se logo no segundo ponto de fiscalização e não mais reencontrou o seu caminho.

Foi, na realidade, uma prova um tanto difícil e que desafiava toda a paciência.

Após o repouso, que se seguiu ao almoço, fez-se uma palestra sobre assuntos escotistas e levou-se o resto da tarde em jogos educativos.

Organizaram o exercício o Chefe-Adjunto e os dois Guias de Secção.

10.º Aniversário da morte de Baden-Powell

Em 8 de Janeiro, realizou-se na sede do Grupo, uma cerimónia evocativa de Baden-Powell.

Usou da palavra o Guia da Patrulha «Tigre», José Trindade C. Rocha, seguindo-se-lhe o Chefe-Adjunto do Grupo.

Esta cerimónia terminou com um minuto de silêncio em memória do evocado.

Aproveitando esta reunião de todo o Grupo, prestaram Promessa os lobitos:—Ventura Clímaco de Figueiredo e Carlos Nobre Alberto.

A esta reunião assistiram muitas famílias de escoteiros e lobitos.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Na noite de 31 de Dezembro findo, realizou-se a tradicional reunião de passagem do ano, com a comparência de todos os componentes do Grupo.

Prestaram Compromisso de Honra 4 lobitos e a pequena festa decorreu na maior alegria, tendo-se feito jogos e cantado, servindo-se no fim chá e doces aos presentes.

Reina grande entusiasmo entre os 3 «bandos» de lobitos com que o 60 actualmente conta, todos trabalhando com vontade e interesse.

Guias de Bombaim visitaram a cidade de Goa

Em Novembro passado estiveram de excursão em Goa 72 guias (escoteiras) de Bombaim, sob a chefia de *miss* Homay Mehta, onde chegaram no barco da carreira, tendo apresentado cumprimentos ao Sr. Governador Geral.

As guias estiveram acampadas na praia de Calangute e durante a sua permanência em Goa visitaram a sede da Mocidade Portuguesa, onde foram recebidas pelo Comissário e Delegado Regionais, e admiraram os monumentos da cidade.

Em vésperas da sua partida deram um recital de canto e declamação na Emissora de Goa, programa de meia hora, que muito agradou aos ouvintes.

A Mocidade Portuguesa, a convite das nossas irmãs-escoteiras, tomou parte num fogo de conselho por elas promovido e no qual apresentaram interessantes bailados, o Ritual do Fogo, e diversas canções. A M. P. apresentou também o seu Hino, canções e uma marcha com harmónicas bocais.

Assistiu muito público, em que as guias deixaram as melhores impressões, que aplaudiu entusiàsticamente os diferentes números do programa.

No final os dirigentes de ambas as organizações trocaram cumprimentos.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Doentes—Esteve muito doente, mas encontra-se em franca convalescença, o nosso estimado amigo e antigo Dirigente Regional Sr. Carlos Augusto Monteiro de Sousa. Congratulamo-nos com as melhoras já obtidas e formulamos votos de completo restabelecimento.

CARTA DE PARIS

O Escotismo Francês em Marcha

Apesar de ser muito interessante conhecer o Passado, devemos ter ainda mais interesse pelo conhecimento do Futuro, o qual deve ser cativante e esplèndidamente incorrupto.

O passado é imutável; contudo temos o poder de agir sobre o futuro. Eis o motivo porque me parece que, para corresponder aos desejos do meu caríssimo amigo, o Director do «*Sempre Pronto*», que me pediu para vos pôr ao par dos acontecimentos do Escotismo em França, me é necessário fazer uma escolha. Parece-me, com efeito, interessante dar-vos a conhecer em primeiro lugar as actividades escotistas francesas susceptíveis de vos despertar curiosidade. Não me refiro simplesmente a um interesse cultural mas a um interesse prático. Quer isto dizer que vos apresentarei as actividades que se me afiguram especìficamente criadas em França e fáceis ou úteis para pôr em prática. Crede que ficarei bastante entristecido se algum de vós, caros amigos leitores, virdes nisto uma prova de patriotismo inoportuno. Crede que o meu objectivo é inteiramente diferente.

Estas linhas — com toda a certeza — parecer-vos-ão talvez desconexas. Porém, o meu fim não é de compor monumentos de literatura (sou de todo incapaz disso!) mas de traçar escritos que, Deus me ajude, possam frutificar. E como tardar mais de nada serviria, comecemos imediatamente.

O primeiro aspecto digno de interesse da evolução actual do Escotismo em França, parece ser o importante número de grupos dos *Éclaireurs* ou dos *Scouts de France* que têm acampado no estrangeiro. Os nossos escoteiros compreenderam a importância capital das relações internacionais. Sublinhemos, a propósito, que a última assembleia dos *Scouts de France*, realizada em Chamarande, pediu a todos que fixassem como um dos objectivos principais a atingir durante o ano escotista de 1950-51, o desenvolvimento do intercâmbio internacional.

Todavia, enquanto uns aproveitam o seu tempo livre para se instruirem, outros preferem empregá-lo para **Servir**. É assim que os clãs de França têm, em todo o território, procurado pôr em prática, segundo as suas possibilidades e, cada qual, segundo os seus meios, a divisa de auxiliar os necessitados.

Os seniores do clã Saint-Bernard de Annecy foram à Alsácia ajudar os camponeses nos períodos dos grandes trabalhos das colheitas que este ano eram de uma importância muito especial. Imediatamente os rapazes encontraram-se rodeados de toda a confiança. Puderam assim tomar contacto com a debulhadora e penetrar nos segredos da condução de tractores, etc. Quando chegavam as 9 horas da noite, eles voltavam a encontrar-se, para fazerem um curto serão, porque os trabalhos de campo começam cedo.

O clã Duguesclin acampou na Suíça no cantão de Valais, a 1.660 metros de altitude. Os rapazes deste clã entregaram-se com denodo à construção de um caminho, meio de comunicação indispensável para um redil que abrigava 120 vacas. Os seniores trabalharam em perfeita e amigável colaboração com o director de Pontes e Caminhos e o guarda florestal, que dirigiam, como especialistas, os trabalhos.

O clã de Nice começou a restaurar uma casa da Alfândega, a 65 km. da cidade, nas montanhas. O clã de Courbevoie tomou a iniciativa de construir uma estátua à Virgem num dos cumes dos Alpes. Este trabalho demorou 12 dias e foi necessário levar os abastecimentos de Tignes, que está a 1.650 metros de altitude, até ao campo — 2.200 metros — e daí 125 kg. de cimento, 100 litros de água, e duas partes da estátua, que pesavam 100 kg., até à altura de 3.750 metros.

Há um ano, um médico procurou um clã dos *Éclaireurs* de Limoges, para lhes perguntar se eles queriam ser dadores de sangue beneméritos, porque o centro de transfusões e de reanimação tinha poucas possibilidades de se abastecer de sangue. Este médico veio novamente este ano fazer idêntico pedido, porque as necessidades aumentaram e os meios de obtenção continuavam a ser mínimos. Os seniores responderam presente: 17 de entre eles puseram-se à disposição do centro e o clã desenvolveu intensa propaganda para que aparecessem novos dadores, consagrando uma das suas emissões radiofónicas a este problema da actualidade. Resultados?... Graças a estas diligências, o centro possui em reserva um litro de plasma e o número de dadores obsequiosos duplicou.

Desde 1935 que os rapazes dos *Scouts de France* espalhados por todo o território metropolitano enviam voluntàriamente ao Serviço Meteorológico Nacional informações das tempestades e da chuva de granizo que observam. Estas comunicações têm por fim informar aqueles serviços sobre certos fenómenos atmosféricos que não afectam muitas vezes senão pouca extensão de território ou apresentam pontos vizinhos de sensíveis diferenças de intensidade. Certos dias tempestuosos do último verão, deram lugar ao envio de 800 cartas! É por meio de um tal número de informações que se pode seguir nas cartas as trajectórias dos fenómenos, as suas variações de intensidade e, conhecimento de maior utilidade ainda, melhorar a sua previsão. Para tais observações, o papel dos observadores voluntários é primordial. É pois um sinal de confiança para os *Scouts de France* ver-se os Serviços Meteorológicos confiar-lhes o estabelecimento de uma rede de observadores. A Meteorologia Nacional, encorajada pelos resultados conseguidos pelas informações sobre tempestades e desejando efectuar observações sobre os nevões em França, acaba de confiar aos *Scouts de France* a rede de informações sobre neve e mandou imprimir cartas especiais para este fim.

No princípio de Outubro, o Conselho do clã de Lorient fixou, atendendo o pedido dos seus seniores, a «iniciativa do trimestre»: tranformação em capela dum telheiro situado no subúrbios de Lorient, num bairro totalmente desinteressado sob o ponto de vista religioso, composto em grande parte por pardieiros e habitado por operários, estivadores, trabalhadores do porto de pesca, operários do arsenal, conjunto bem assediado pela propaganda comunista. Duas equipas dividiram entre si o trabalho: uma, encarregou-se da construção da capela e o contacto com os rapazes do bairro; outra, tomou à sua responsabilidade os filhos dos habitantes. A primeira equipa teve enormes dificuldades com o telhado que por duas vezes foi pelos ares. Foi preciso depois demolir um tabique para ampliar a capela. Houve dificuldade em arranjar os materiais, pois o clã não tinha nenhuma fonte de recursos, pelo que teve de aproveitar as ocasiões mais oportunas, não sendo possível senão em meados de Dezembro conseguir a madeira necessária. Para que a capela estivesse pronta no Natal, as duas equipas entregaram-se à tarefa com denodo. Fizeram o tecto e revestiram as paredes, trabalho feito com ripas. O chão, até essa altura de terra batida, foi cimentado. Não tão bem como desejavam, tudo estava terminaminado quando chegou o Natal (1949). A equipa dos mais novos reuniu os rapazes das ruas e organizou desafios de futebol entre eles ou fê-los disputar jogos diversos. Foi de 25 o número dos que conseguiram agrupar todos os domingos. Quando era necessário ajudar aos que estavam construindo a capela, os seniores deixavam os rapàzitos confiados às jovens do bairro e às guias. No princípio de Dezembro começaram a preparar um «Natal dos Seniores» no qual tomaram parte as crianças e jovens do bairro. Os ensaios dos cânticos realizavam-se logo a seguir à missa de domingo e assim se foi constituído um coro que ainda continua a fazer-se ouvir. Na noite de Natal, para atrair o povo ao recinto, os seniores às 11 horas apresentaram o diálogo de Kipling «Procuro um homem». Depois foi o «Natal dos Seniores», em que foi apresentado um presépio vivo pelos escoteiros e rapazes do bairro, cujos cantos estavam a cargo do coro. À meia-noite, na capela, mais de 250 pessoas assistiram à missa. Esta iniciativa teve tanto êxito que entusiasmou os seniores e agitou todo o bairro.

Os exemplos parecem-me que chegam por hoje. Eis uma série de iniciativas que honram os grupos e os clãs que os realizaram. Estes escoteiros compreenderam que o objectivo do seu Movimento é de SERVIR em todas as ocasiões. Estas ocasiões são inúmeras em qualquer parte do mundo...

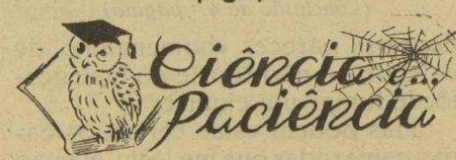
É prestando serviço, tornando-se úteis e não vivendo só para nós próprios, que criaremos ao nosso redor um ambiente de simpatia que ajudará o desenvolvimento do Escotismo. Algumas destas empresas constituem puríssimas manifestações de Fé. Todas reclamaram dos rapazes um esforço físico que desenvolverá a sua vontade e lhes permitirá vencer a fadiga e, por consequência, dispô-los para outros sacrifícios se eles os julgarem necessários.

Estas actividades constituem além disso um meio muito mais imparcial que a imprensa para conhecer diversos pontos da Nação.

Enfim, estes rapazes compreenderam, com razão, que o que se lhes pedia era **acções e não palavras.**

FRANÇOIS BARADEZ

Bourge-la-Reine, Janeiro de 1951.



PROBLEMA N.º 7

Substitua os números por letras:

27-3-47-32-34-1-2-34-41=Nome de várias plantas.
9-22-35-7-30-39-29-48-13-20=ciladas.
17-10-8-23-12-46-6-15-18-42-19-50 = Prisioneiros.
5-34-16-14-24-34-46-8-36-44 = Plantas escrofularíneas.
31-15-33-11=pequeno.
38-23-22-49-45-40-8-25=Composição química que se inflama ao contacto do ar.
21-28-4-37-43-26=Aves palmípedes.

Com as 50 letras encontradas formar um provérbio português.

Solução do Problema n.º 7

(As soluções são publicadas 90 dias depois de insertas).

VILA NOVA DE CERVEIRA

Mande-nos as soluções dos problemas
Ainda pode atingir os «20 pontos» e receber o prémio